

AVALIAÇÃO DO USO DA MEDICINA NÃO CONVENCIONAL POR PACIENTES SUBMETIDOS AO TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO ANTINEOPLÁSICO

MEDICAL USE OF ASSESSMENT UNCONVENTIONAL IN PATIENTS TO TREATMENT CHEMOTHERAPY ANTINEOPLASTIC

DINIZ, W. Y.¹; SBOLLI, K.²

¹ Docente do Departamento de Enfermagem – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

² Discente do Departamento de Enfermagem – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

Apesar do sistema convencional de tratamento para o câncer corresponder a uma taxa crescente de sobrevida de cinco anos, a utilização da terapêutica não convencional tem sido considerada ou utilizada por uma proporção significativa de indivíduos. Contudo, inúmeros pacientes buscam por tratamentos instantâneos que apresentam efeitos extraordinários, recorrendo a práticas desconhecidas e sujeitando sua vida a um risco. O objetivo deste estudo foi identificar o uso de modalidades terapêuticas paralelas ao tratamento convencional do paciente oncológico e caracterizar as razões e os resultados da escolha desses procedimentos. Foi realizado um estudo com pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial do Hospital do Câncer de Ourinhos – Dr^o Monzillo, onde os dados foram coletados durante o mês de maio de 2015, através de um formulário. Foram entrevistados 21 pacientes, sendo que a cura espiritual e as plantas medicinais e fitoterápicos foram as práticas da medicina não convencional mais lembradas, citadas por 20 (95,2%) e 15 (71,4%) pacientes respectivamente, o auxílio ao tratamento do câncer foi para 18 (85,7%) pacientes o principal objetivo para procurar o tratamento não convencional, já a família, amigos e vizinhos foram indicados por 20 (95,2%) pacientes como os principais meios para aquisição do conhecimento sobre as práticas não convencionais, ainda a omissão à equipe de saúde sobre esse uso foi relatada por 15 (71,4%) dos pacientes. Concluímos que a assistência proporcionada pelo método convencional nem sempre preenche as expectativas dos pacientes e que o uso simultâneo entre a medicina convencional e a medicina não convencional representa uma abordagem integral ao paciente e que possibilita que seus valores socioculturais sejam compreendidos e respeitados.

Descritores: Medicina não convencional, medicina complementar e alternativa, câncer, quimioterapia

ABSTRACT

Although conventional treatment systems for cancer correspond to an increased survival rate for five years, the use of non conventional therapies has been considered or used by a significant proportion of people. However, many patients look for quick treatment that have extraordinary effects, using unknown practices and subjecting their lives to a risk. The aim of this study was to identify the use of parallel therapeutic modalities to conventional treatment of cancer patients and characterize the reasons and results of the choice of these procedures. A study was conducted with patients undergoing outpatient chemotherapy at a Cancer Hospital in Ourinhos - Dr^o Monzillo where the data was collected during the month of May 2015, through a form. There were interviewed 21 patients, and spiritual healing and medicinal plants and herbal medicine practices were the most remembered unconventional, cited by 20 (95.2%) and 15 (71.4%) patients, respectively, the aid to treatment the cancer was for 18 (85.7%) patients the main objective to look for unconventional treatment, as family, friends and neighbors were indicated by 20 (95.2%) patients as the primary means to acquire knowledge about the unconventional practices, even omitting the health team about this use was reported by 15 (71.4%) patients. We conclude that the assistance provided by the conventional method does not always meet the expectations of the patients and that the simultaneous use of conventional medicine and non-conventional medicine is a holistic approach to the patient and that enables its sociocultural values are understood.

Keywords: Non-Conventional Medicine. Complementary and Alternative Medicine. Cancer, Chemotherapy.

INTRODUÇÃO

Em acordo com dados estimados para 2014 e que possuem validade também para 2015 quanto ao câncer, indica-se a ocorrência por volta de 576 mil novos casos, ao se incluir os casos de pele não melanoma, o que acentua a relevância da problemática do câncer no Brasil (BRASIL, 2014). Entende-se por câncer, uma patologia originária por condições multifatoriais, que abrange um conjunto de mais de 100 tipos distintos de doenças, cuja semelhança está relacionada à capacidade desordenada de crescimento de células anormais com potencial invasivo (BRASIL, 2014).

Embora a cura do câncer durante muito tempo fosse compreendida como improvável, a melhoria da qualidade de vida de clientes com persistência da doença e a observação da remissão completa em determinados casos, tornou-se possível em consequência do progresso tecnológico e científico (MOHALLEM; SUZUKI; PEREIRA, 2007). O uso e administração de substâncias citotóxicas, preferencialmente por via sistêmica, caracteriza o tratamento quimioterápico, que é empregado rotineiramente para resultar na cura, controle e palição (JOHNSTON; SPENCE, 2003 apud SAWADA et al., 2009).

Apesar do sistema convencional de tratamento para o câncer corresponder a uma taxa crescente de sobrevida de cinco anos, a utilização da terapêutica não convencional tem sido considerada ou utilizada por uma proporção significativa de indivíduos (SMELTZER et al., 2008). Desse modo, a medicina não convencional compreende as práticas que estão à margem da medicina oficial, e que se destinam a prevenção, diagnóstico e tratamento, sendo possível classificá-la em duas modalidades, a medicina complementar, que é utilizada em conjunto com o tratamento oficial, e a medicina alternativa, que substitui o tratamento oficial (RICHARDSON et al., 2000; ERNST, 2000; ERNST, 1999 apud ELIAS; ALVES; TUBINO, 2006).

Os pacientes fazem uso do tratamento alternativo em decorrência da inserção deste na sua rede social, como também devido à afinidade que os mesmos apresentam com as filosofias e convicções de saúde da medicina complementar e alternativa, ou ainda em consequência ao descontentamento com processo e resultado do cuidado convencional (FURNHAM; FOREY, 1994; ASTIN, 1998 apud CHEZ; JONAS; EISENBERG, 2001).

Contudo, ressalta-se ainda que na tentativa de amenizar os efeitos associados ou mesmo eliminar a doença, inúmeros pacientes buscam por terapêuticas instantâneas que apresentam efeitos extraordinários, recorrendo a práticas desconhecidas e sujeitando sua vida a um risco (JACONODINO; AMESTOY; THOFEHRN, 2008).

Posto isso, torna-se imprescindível que profissionais da saúde, particularmente a equipe de enfermagem, sejam adequadamente treinados para que possam oferecer informações apropriadas sobre práticas alternativas aos pacientes, prevenindo o uso inadequado, além de riscos e agravos à saúde (JACONODINO; AMESTOY; THOFEHRN, 2008).

O objetivo deste estudo foi identificar o uso de modalidades terapêuticas paralelas ao tratamento convencional do paciente oncológico e caracterizar as razões e os resultados da escolha desses procedimentos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo, com caráter descritivo e abordagem quantitativa, que foi realizado no Hospital do Câncer de Ourinhos – Dr^o Monzillo, localizado no interior do Estado de São Paulo. Sendo que este serviço oferece aproximadamente atendimento semanal e mensal a 25 e 100 pacientes respectivamente, através de encaminhamentos por convênios privados de saúde.

A população estudada foi composta por pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial deste hospital, onde critérios para escolha daqueles que participaram da pesquisa foram: ser paciente oncológico, estar realizando tratamento quimioterápico antineoplásico no referido hospital, ser usuário da medicina não convencional, possuir idade igual ou superior a dezoito anos, aceitar participar voluntariamente do estudo e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quanto aos critérios de exclusão: não possuir capacidade de ouvir e dialogar, e nem condição mental adequada para responder as questões.

Os dados foram coletados durante o mês de maio de 2015, através de um formulário contendo perguntas aberto-fechadas, que incluíram variáveis sobre o perfil sociodemográfico dos pacientes (nome, sexo, idade, estado conjugal e escolaridade), sobre as práticas da medicina não convencional escolhidas por eles (tipos, início do uso, objetivos da procura, efeitos colaterais que motivaram a busca, comunicação do uso ao profissional, origem do conhecimento, crença quanto ao

desencadeamento de danos à saúde e satisfação do conhecimento sobre a temática), e por fim sobre o tratamento convencional (satisfação em relação a este). O formulário, ainda, foi exclusivamente preenchido pelo pesquisador, com base nas respostas dos participantes da pesquisa entrevistados. Posteriormente, os dados obtidos foram organizados e analisados com o auxílio do programa Microsoft Excel e os resultados foram apresentados em forma de gráficos e tabelas.

Os pacientes foram abordados individualmente, em ambiente privativo e foram informados sobre: o significado dos termos medicina convencional e medicina não convencional, os objetivos esperados pelo estudo, a possibilidade da sua recusa ou participação, a preservação do anonimato, além do esclarecimento de qualquer dúvida, pelo pesquisador, durante a aplicação do formulário. O tempo estimado para cada entrevista foi de aproximadamente vinte minutos.

O estudo foi realizado em acordo com os princípios éticos requeridos pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Hospital Regional de Assis e executado após a aprovação do mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 21 participantes da pesquisa, 11 (52,4%) pertenceram ao sexo masculino e 10 (47,6%) ao sexo feminino. A faixa etária variou de 18 a 83 anos, onde a média correspondeu a 63 anos. Em relação ao estado conjugal, 16 (76,2%) eram casados, 4 (19%) solteiros e 1 (4,8%) viúvo. No que diz respeito à escolaridade, 10 (47,6%) possuíam primeiro grau incompleto, 3 (14,3%) primeiro grau completo, 3 (14,3%) segundo grau incompleto, 4 (19%) segundo grau completo e 1 (4,8%) terceiro grau completo (tabela 1).

No que diz respeito à predominância do sexo masculino, o nosso estudo está em concordância com uma estimativa recente publicada pelo INCA, que espera a ocorrência de 204 mil novos casos de câncer em homens e 190 mil em mulheres, ao se desconsiderar os casos de câncer de pele não melanoma (BRASIL, 2014). Já os dados sobre a faixa etária corroboraram com os de Melo et al. (2012) que notaram em seu estudo constituído por mulheres com câncer de colo uterino a permanência da idade entre 35 e 63 anos. Ainda, ao se tratar do estado conjugal e escolaridade foi confirmado por Elias, Alves, Tubino (2006) que dos pais das crianças que faziam uso da medicina não convencional, a maioria deles eram casados e com ensino fundamental incompleto.

Tabela 1 – Variáveis sobre o perfil sociodemográfico dos pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial do Hospital do Câncer de Ourinhos Dr^o. Monzillo – Ourinhos – maio de 2015

Variáveis	N	%
Sexo		
Masculino	11	52,4
Feminino	10	47,6
Faixa etária		
18-30 anos	1	5
31-43 anos	1	5
44-56 anos	3	14
57-69 anos	7	33
70-83 anos	9	43
Estado conjugal		
Casado	16	76,2
Solteiro	4	19
Viúvo	1	4,8
Escolaridade		
Primeiro grau incompleto	10	47,6
Primeiro grau completo	3	14,3
Segundo grau incompleto	3	14,3
Segundo grau completo	4	19
Terceiro grau completo	1	4,8

Fonte: os autores

Quando questionados sobre a utilização de práticas da medicina não convencional no momento da abordagem, 14 (66,7%) mencionaram o uso de mais de uma prática e 7 (33,3%) o uso apenas de uma, sendo citadas, a cura espiritual por 20 (95,2%) pacientes, as plantas medicinais e fitoterápicos por 15 (71,4%), meditação por 5 (23,8%), massagem por 3 (14,3%) e homeopatia por 1 (4,8%) (figura 1).

Em um estudo realizado com pacientes com neoplasia mamária ou ainda em investigação, foi confirmado por meio da análise dos dados coletados que, ao se considerar o total das pacientes 96,3% citou pelo menos a utilização de uma prática alternativa e complementar (CRUZ; BARROS; HOEHNE, 2009)

Cruz, Barros e Hoehne (2009) constaram em seu estudo que a prática alternativa e complementar mais referida foi a oração, seguida pelas ervas. Já autores como Casarin, Heck e Schwartz (2005), Jaconodino, Amestoy e Thofehrn (2008) e Elias, Alves e Tubino (2006) verificaram a predominância da fitoterapia em seus estudos.

A religiosidade e os terapeutas populares, como raizeiros, benzedeiros e rezadeiras, possuem uma significação reconhecida em meio ao processo saúde-doença, uma vez que normalmente mostram respostas a situações que são

desprovidas de explicação pelo sistema biomédico. Proporcionam também força e conforto a indivíduos diante de episódios de fragilidade, possibilitando aos mesmos a reelaboração e enfrentamento do sofrimento (SIQUEIRA et al., 2006). Diversos indivíduos acreditam que os seus problemas relacionados à saúde estão atribuídos a uma significação divina, evidenciando em sua crença a condição de que tanto a doença quanto a cura podem ser oriundas de um designo de Deus (Melo et al., 2012).

Casarin, Heck e Schwartz (2005) sugerem que o exercício da medicina espiritual seja realizado com cuidado, particularmente quando ela compromete-se em curar malformações ou processos tumorais avançados, uma vez que esses milagres podem ser indicativos de prática de charlatanismo.

Estudos apontam no que se trata da terapêutica do câncer, a existência em torno de 700 espécies de plantas que possuem atuações sobre tumores malignos (FLORES, 2003 apud JACONODINO; AMESTOY; THOFEHRN, 2008). Nas populações atuais, a importância e a confiança acerca da cura através de plantas têm conseguido se preservar (MACIEL; PINTO; VEIGA, 2002 apud MELO et al., 2012). Para Jaconodino, Amestoy e Thofehrn (2008) entre as motivações para o uso dos fitoterápicos encontram-se a facilidade de aquisição, custo reduzido, como também a prática familiar e recomendação por amigos, vizinhos ou parentes.

Sabe-se que embora a crença popular entenda os produtos originados da natureza, em um primeiro momento, como desprovidos de riscos de toxicidade, este fato não demonstra veracidade (SCHWARTSMANN, 2006 apud LEAL; SCHWARTSMANN; LUCAS, 2008). Ainda Casarin, Heck, Schwartz (2005) evidenciam que o tratamento para o câncer por meio de fitoterápicos permanece carente de estudos científicos no que se trata da sua comprovação ou desconsideração, refletindo desse modo uma problemática significativa quanto à utilização e eficácia desses métodos.

Ainda, no que concerne à meditação, verifica-se que além da melhoria da qualidade de vida, ela resulta em uma redução do estresse, ansiedade e depressão (BAIME, 2001). O interesse dessa prática como possibilidade de tratamento médico tem-se notado devido às evidências de que a mente possui na manutenção da saúde e recuperação da doença, uma significativa função (ACHTERBERG et al., 1995 apud BAIME, 2001). Por fim, no que se trata da regressão de vários cânceres, esse processo tem sido documentado por uma variedade de relatórios de casos,

mesmo que ensaios clínicos prospectivos bem projetados não estejam disponibilizados (TAYLOR, 1995 apud BAIME, 2001).

Ao analisar os efeitos adversos da meditação, efeitos psicológicos prejudiciais já foram descritos (WALSH; ROCHE, 1979 apud BAIME, 2001). Por conseguinte, na clínica média a proposta da meditação, em sua grande maioria, não possui recomendação a pacientes contendo desordens severas de personalidade, desordens psicóticas ou depressão severa, exceto em situações onde simultaneamente terapêuticas médicas e psicoterápicas estejam presentes (BAIME, 2001).

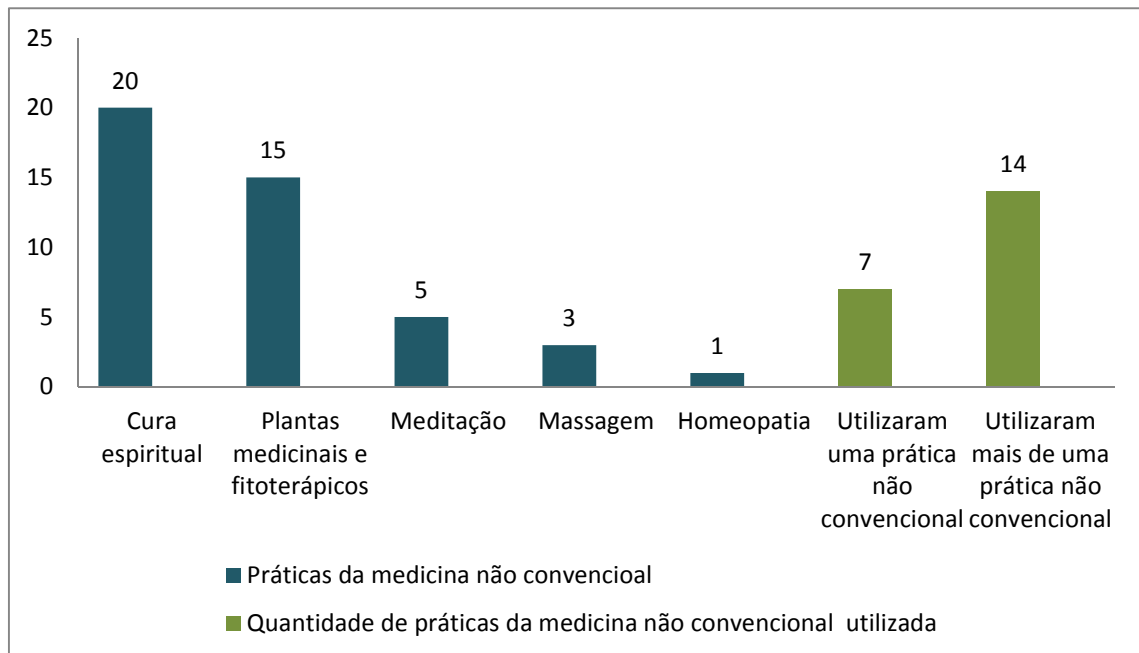
A posição dos massoterapeutas coloca essa prática como determinante para a melhoria da elasticidade e tônus da pele, da digestão, da circulação sanguínea e linfática, como também para a diminuição da pressão arterial, do sofrimento, das dores musculares e articulares, ou ainda para o relaxamento muscular e facilitação da respiração (HOLLIS, 1987 apud FIELD, 2001). Ainda, estudos também reconhecem que esta prática proporciona um melhoramento do bem-estar, o que repercute na redução dos níveis hormonais relacionados ao estresse e assim em benefícios imunológicos (IRONSON et al., 1996 apud FIELD, 2001).

Field (2001) relata que as pesquisas que evidenciaram as contraindicações da massoterapia ainda são escassas, contudo estão incluídas nelas: as doenças infecciosas ou contagiosas da pele (devido à preocupação existente da infecção ser disseminada para outras áreas corporais ou para o próprio terapeuta), febre elevada (em decorrência da possibilidade de elevar a temperatura corporal), tecido cicatricial, feridas abertas e áreas queimadas (em feridas recentes não possui indicação em razão da fragilidade em que se apresenta o tecido cicatricial, no entanto o prurido característico das áreas queimadas pode ser reduzido com o uso de massagem com manteiga de cacau), varizes e flebites (em consequência de existir a possibilidade de deslocamento de coágulos), tumores e nódulos linfáticos infectados (considerando que essa prática pode ser facilitadora de metástases ao soltar células tumorais) ou ainda quando o número de plaquetas encontra-se diminuído (em virtude de que a massoterapia pode resultar em hematomas).

Já segundo Chapman (2001) percebe-se que diante do tratamento homeopático, praticamente o paciente pode receber auxílio seja qual for a sua condição de saúde, tanto ao se tratar de uma infecção respiratória superior, uma deficiência de atenção ou ainda um câncer.

A homeopatia utiliza substâncias muito diluídas e apesar de relativamente ser associada a segurança, tem seus remédios rotineiramente originados de substâncias tóxicas, sendo que estas por meio de diluição em série tornam-se isentas ou com algum componente tóxico remanescente no preparado final. Contudo preocupações ainda estão presentes, dado que não se pode considerar que todos os preparados homeopáticos encontram-se extremamente diluídos, ou ainda ao se perceber que alguns preparados de baixa potência ou que possuem misturas de produtos fitoterápicos podem apresentar substâncias perniciosas (KERR; SARYAN, 1986 apud JONAS; ERNST, 2001).

Figura 1. Tipos e quantidade de práticas da medicina não convencional utilizadas por pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial no Hospital do Câncer de Ourinhos Dr. Monzillo – Ourinhos – maio de 2015.



Fonte: os autores

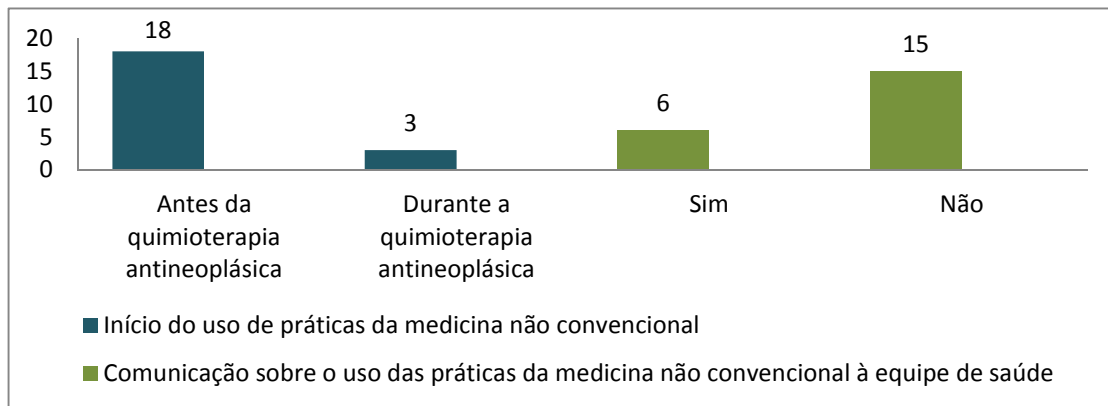
No que concerne ao início do uso das práticas da medicina não convencional, 18 (85,7%) pacientes já as utilizavam antes do tratamento quimioterápico antineoplásico e 3 (14,3%) iniciaram o uso durante esse tratamento convencional. Sendo que, 15 (71,4%) pacientes não comunicaram à equipe de saúde sobre o uso do tratamento não convencional e 6 (28,6%) comunicaram (figura 2).

Uma proporção significativa de pacientes opta por medidas populares para solucionar os problemas de saúde antes de recorrer ao serviço de saúde (SIQUEIRA, et al., 2006). Na pesquisa realizada por Cruz, Barros e Hoehne (2009)

foi demonstrado que 94,7% das entrevistadas que utilizavam a oração, em decorrência dos hábitos familiares, já recorriam a este recurso antes da manifestação da neoplasia mamária, todavia ao se tratar das ervas, de uma forma geral, o uso iniciou-se após essa manifestação.

Elias, Alves e Tubino (2006) perceberam em seu estudo que, dos pais das crianças que fizeram uso da medicina não convencional, um número considerável deles não realizou a comunicação à equipe de médicos sobre essa utilização. Segundo os mesmos autores esse fato pode ser justificado por algumas razões, como a visão do paciente de que a equipe de saúde não atribui importância a esse uso, por esperar uma posição oposta da equipe médica a essa utilização e conseqüentemente recear o contato com a mesma, por acreditarem na deficiência do conhecimento da equipe de saúde quanto à medicina não convencional e pela oferta em ascensão dessa modalidade terapêutica, embora que para a saúde ainda seja carente de informações.

Figura 2. Comunicação à equipe de saúde e início do uso das práticas da medicina não convencional por pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial no Hospital do Câncer de Ourinhos Dr. Monzillo – Ourinhos – maio de 2015.



Fonte: os autores

Em conformidade com o representado na tabela 2, 18 (85,7%) participantes da pesquisa referiram mais de um objetivo para explicar a procura pelas práticas da medicina não convencional, e 3 (14,3%) apenas um objetivo. Posto isso, ao se tratar desses objetivos, 18 (85,7%) pacientes mencionaram que utilizam a medicina não convencional para auxiliar no tratamento do câncer, 15 (71,4%) para obter um suporte emocional, 12 (57,1%) para participar de forma mais ativa no tratamento do câncer, 10 (47,6%) para obter a cura do câncer, 8 (38,1%) para tratar outras enfermidades excluindo-se o câncer, 6 (28,6%) pela facilidade de aquisição e baixo

custo e 5 (23,8%) para minimizar os efeitos colaterais da quimioterapia antineoplásica. Logo, quanto aos efeitos colaterais da quimioterapia antineoplásica que motivaram a busca pelo tratamento não convencional, 3 (14,3%) pacientes citaram mais de um sintoma e 2 (9,5%) apenas um. Assim, 2 (9,5%) entrevistados relataram náuseas e vômitos, 2 (9,5%) mucosite, 1 (4,8%) anorexia, 1 (4,8%) fadiga, 1 (4,8%) constipação e 1 (4,8%) alteração do paladar.

Segundo dados propostos por Melo et al. (2012) pertencentes ao seu estudo com mulheres portadoras de câncer de colo uterino, certificou-se que a procura por métodos complementares é resultante do alívio eficaz da sintomatologia e garantia de um senso de autocontrole e conforto psicológico assegurados por cuidados caseiros. Já Smith et al. (1998) apud Jonas e Levin (2001) ressaltam que o interesse no uso da medicina complementar e alternativa envolve também a preocupação com o custo elevado estabelecido na medicina convencional. Para Siqueira et al. (2006) a eficiência e a solucionabilidade dos problemas de saúde foram apontadas pela maioria dos entrevistados ao se tratar do uso de recursos populares.

Tabela 2 – Variáveis sobre os objetivos e efeitos colaterais que motivaram a procura das práticas da medicina não convencional por pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial do Hospital Câncer de Ourinhos Dr^o. Monzillo – Ourinhos – maio de 2015

Variáveis	N	%
Objetivos da procura pela a medicina não convencional		
Para auxiliar no tratamento do câncer	18	85,7
Para obter um suporte emocional	15	71,4
Para participar de forma mais ativa no tratamento do câncer	12	57,1
Para obter a cura do câncer	10	47,6
Para tratar outras enfermidades excluindo-se o câncer	8	38,1
Pela facilidade de aquisição e baixo custo	6	28,6
Para minimizar os efeitos da quimioterapia antineoplásica	5	23,8
Referiram mais de um objetivo para explicar a procura pela medicina não convencional	18	85,7
Referiram apenas um objetivo para explicar a procura pela medicina não convencional	3	14,3
Efeitos colaterais da quimioterapia antineoplásica que motivaram a busca pelo tratamento não convencional		
Náuseas e vômitos	2	9,5
Mucosite	2	9,5
Anorexia	1	4,8
Fadiga	1	4,8
Constipação	1	4,8
Alteração do paladar	1	4,8
Referiram mais de um efeito colateral para explicar a procura pela medicina não convencional	3	14,3
Referiram apenas um efeito colateral para explicar a procura pela medicina não convencional	2	9,5

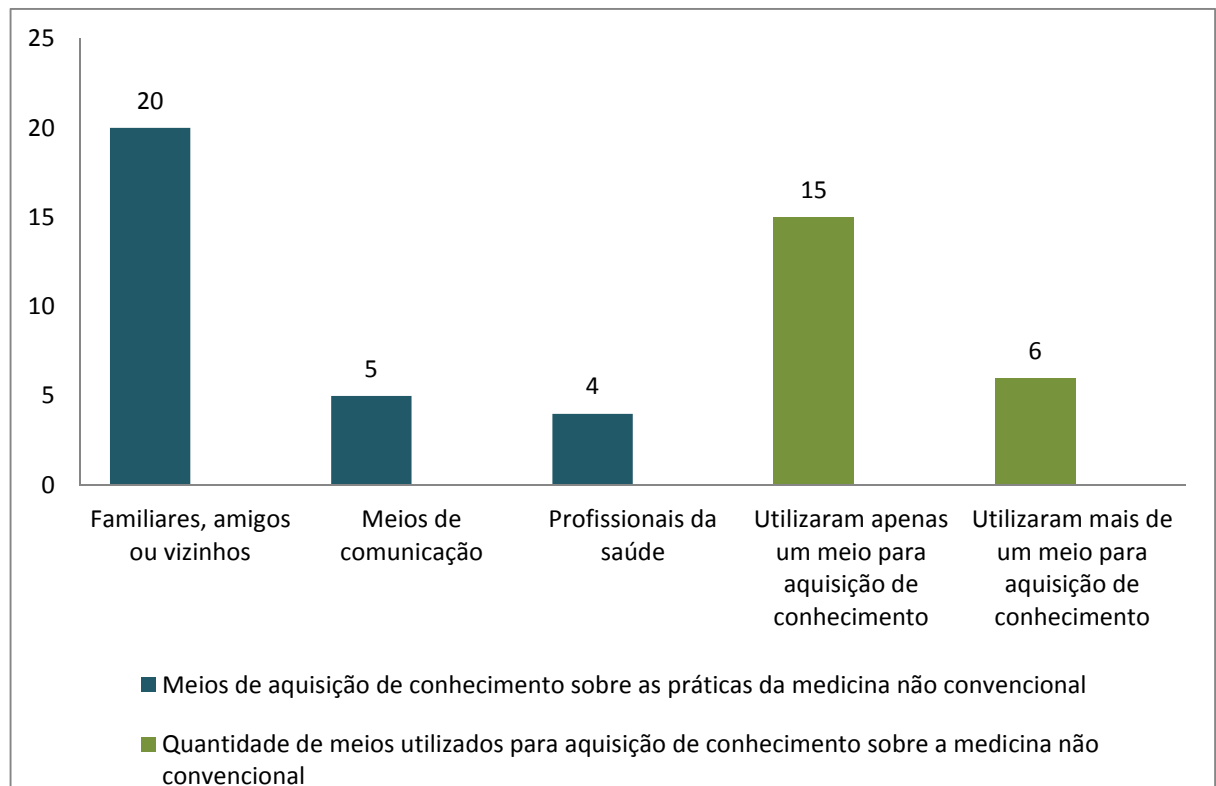
Fonte: os autores

Já em relação ao conhecimento sobre as práticas da medicina não convencional, 15 (71,4%) entrevistados informaram que utilizaram apenas um meio para adquirir esse conhecimento e 6 (28,6%) o adquiriram através de mais de um meio. Desse modo, 20 (95,2%) participantes da pesquisa indicaram que o próprio conhecimento foi alcançado por intermédio de familiares, amigos ou vizinhos, 5 (23,8%) por meios de comunicação e 4 (19%) por profissionais da saúde (figura 3).

Siqueira et al. (2006) reconhecem que as experiências vividas são a base para o uso das práticas que estão vinculadas ao conhecimento popular e que geralmente são saberes que possuem associação com tradições e costumes socioculturais e que são transmitidos entre as gerações. Dessa forma, uma pesquisa já ressaltou a notoriedade do papel exercido pela família, dentre os principais meios de aquisição de conhecimento sobre as práticas alternativas e complementares (CRUZ; BARROS; HOEHNE, 2009). Ainda neste constante contexto, para Jonas, Linde e Walach (2001) assim como a persistência de familiares e amigos, os artigos de revistas, programas de rádio com defensores de uma modalidade de tratamento, boletins informativos e a internet, podem ser meios de aquisição de informações sem confiabilidade e que geralmente são determinantes para os pacientes buscarem as propostas de tratamento da medicina complementar e alternativa.

Espera-se que além do convívio harmônico entre o conhecimento científico e popular, uma assistência satisfatória também seja estabelecida através do respeito da equipe de saúde às opiniões e tradições (SIQUEIRA et al, 2006). O estudo de Cruz, Barros e Hoehne (2009) atestou que no ato de decidir sobre a utilização das práticas alternativas e complementares existiu uma participação escassa da equipe de saúde, particularmente a médica.

Figura 3 – Quantidade e meios de aquisição do conhecimento sobre as práticas da medicina não convencional por pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial no Hospital do Câncer de Ourinhos Dr. Monzillo – Ourinhos – maio de 2015.



Fonte: os autores

Ao serem indagados sobre a crença do uso das práticas da medicina não convencional em provocar algum dano à saúde, 19 (90,5%) participantes da pesquisa não acreditaram nessa vertente e 2 (9,5%) acreditaram. Ainda, ao avaliar o próprio conhecimento sobre o uso dessas práticas da medicina não convencional, a maioria, 17 (81%) pacientes o apontou como satisfatório e 4 (19%) como regular. Por fim, todos os pacientes reportaram satisfação ao tratamento convencional para o câncer (figura 4).

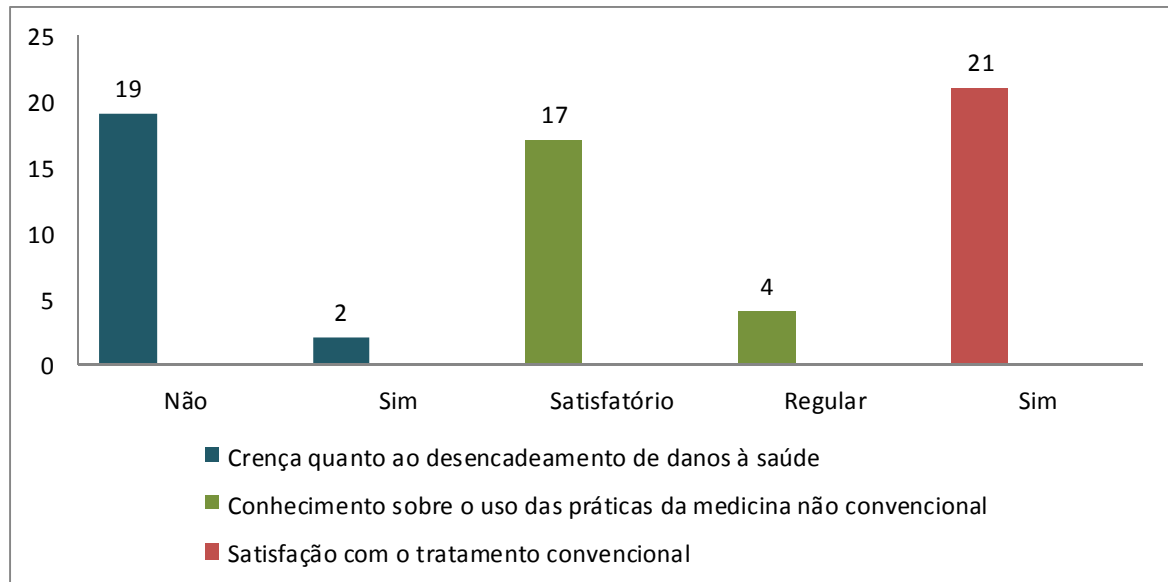
Ainda que a medicina não convencional possua diversas modalidades terapêuticas e um uso em ascensão, usualmente suas práticas possuem um conhecimento científico limitado no que se refere ao mecanismo de ação, eficácia e segurança (ELIAS; ALVES; TUBINO, 2006). Em uma pesquisa realizada pelos mesmos autores foi constatada entre os usuários da medicina não convencional a descrição de uma reação indesejável resultante desse uso.

Foi verificado em um estudo que os usuários dos recursos populares concentraram sua preocupação na resposta que essas práticas ofereceriam às usas

necessidades e não com a fundamentação científica das mesmas (SIQUEIRA et al., 2006). No entanto, uma pesquisa realizada por Elias, Alves e Tubino (2006) revelou que 95,5% dos pais de crianças submetidas ao tratamento oncológico gostariam de orientações sobre a medicina não convencional.

Por fim, em acordo com o posicionamento de Casarin, Heck e Schwartz (2005) o conceito de soma é primordial ao tratamento convencional e o tratamento alternativo, sendo que os mesmos deveriam se auxiliar e sempre seguir na mesma direção.

Figura 4 – Crença quanto ao desencadeamento de danos à saúde, conhecimento sobre o uso das práticas da medicina não convencional e satisfação com o tratamento convencional de pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial no Hospital do Câncer de Ourinhos Dr. Monzillo – Ourinhos – maio de 2015.



Fonte: os autores

CONCLUSÕES

Concluimos com a realização deste estudo que, o uso concomitante entre os tratamentos propostos pela medicina convencional e pela medicina não convencional representou uma realidade no que tange o tratamento dos pacientes oncológicos, particularmente dos que estão submetidos à quimioterapia antineoplásica.

Foi identificada a utilização de diversas práticas da medicina não convencional, isoladamente ou em combinação, o que representa a necessidade dos entrevistados em buscar diferentes formas para enfrentar o desenvolver do

câncer. Também foi constatada a cura espiritual como a prática da medicina não convencional mais procurada, sendo que o auxílio ao tratamento do câncer foi lembrado como o principal objetivo em se procurar por essas práticas.

Ficou evidenciado que o tratamento não convencional se iniciou, na maioria dos casos, antes do tratamento quimioterápico antineoplásico, o que remete à necessidade dos participantes em buscar por soluções aos seus problemas de saúde antes de procurar os serviços de saúde. Também foram constatados a família, amigos e vizinhos como os principais meios de aquisição de informações sobre essas práticas da medicina não convencional, o que demonstra a influência do saber popular na terapêutica do câncer. Paralelamente a essa informação foi observado que poucos pacientes associaram a equipe de saúde como fonte de informação e que a maioria dos pacientes omitiu o uso aos profissionais de saúde.

Logo, uma porção significativa dos pacientes entrevistados não acreditou na possibilidade das práticas não convencionais utilizadas em provocar algum dano à sua saúde, como também avaliou, em sua maioria, o próprio conhecimento sobre essas práticas como satisfatório. Estes dados representam o desconhecimento dos pacientes quanto aos possíveis riscos que algumas dessas práticas possam apresentar. Enfim, todos os participantes demonstraram satisfação com o tratamento convencional, o que mostra a seriedade que veem esse tratamento e a assistência oferecida pela equipe de saúde.

Reconhecemos que a medicina não convencional ainda requer mais estudos científicos divulgando suas repercussões sobre os seus usuários, contudo também percebemos que a assistência proporcionada pelo método convencional nem sempre preenche as expectativas dos pacientes e que o uso simultâneo entre os dois sistemas representa uma abordagem integral ao paciente e que possibilita que seus valores socioculturais sejam compreendidos e respeitados.

REFERÊNCIAS

BAIME, Michael J. A meditação e a conscientização. In: JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. 1 ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 2001. Cap. 30, p.538-552.

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação de Prevenção e Vigilância. **Estimativa 2014: Incidência de Câncer no Brasil**. Brasil, 2014. 124 p.

CASARIN, Sidnéia Tessmer; HECK Rita Maria; SCHWARTZ, Eda. O uso de práticas terapêuticas alternativas sob a ótica do paciente oncológico e sua família. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 24-31, 2005.

CHAPMAN, Edward H. A homeopatia. In: JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. 1 ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 2001. Cap. 28, p.487-504.

CHEZ, Ronald A.; JONAS, Waine B.;EISENBERG, David. O médico e a medicina complementar e alternativa. In: JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. 1 ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 2001. Cap. 2, p.31-47.

CRUZ, Cíntia Tavares; BARROS, Nelson Filice de; HOEHNE, Eduardo Luiz. Evidências sobre o uso de práticas alternativas e complementares no tratamento convencional de neoplasias mamárias. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, p. 237-246, 2009.

ELIAS, Marcia C.; ALVES, Elaine; TUBINO, Paulo. Uso de Medicina não-convencional em crianças com câncer. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio de Janeiro, v. 52, n.3, p. 237-243, 2006.

FIELD, Tiffany. A massoterapia. In: JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. 1 ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 2001. Cap. 22, p.392-400.

JACONODINO, Camila Bittencourt; AMESTOY, Simone Coelho; THOFEHRN, Maria Buss. A utilização de terapias alternativas por pacientes em tratamento quimioterápico. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v.13, n. 1, p. 61-66, 2008.

JONAS, Wayne B.; ERNST, Edzard. Introdução: avaliação da segurança dos produtos e tratamentos da medicina complementar e alternativa. In: JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. 1 ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 2001. Parte II, p. 93-112.

JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. 1 ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 2001. 619 p.

JONAS, Wayne B.; LINDE, Klaus; WALACH, Harald. Como praticar a medicina complementar e alternativa fundamentada em provas. In: JONAS, Wayne B.; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. 1 ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 2001. Cap. 5, p.75-92.

LEAL, Fabio; SCHWARTSMANN, Gilberto; LUCAS, Hiram Silveria. Medicina complementar e alternativa: uma prática comum entre pacientes com câncer. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 54, n. 6, p. 471-486, 2008.

MELO, Mônica Cecília Pimentel de et al. Falando sobre câncer de colo uterino: contribuições das terapias complementares. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p.2909-2919, 2012.

MOHALLEM, Andréa Gomes da Costa; SUZUKI, Claudia Eiko; PEREIRA, Suellen Batistini Alves. Princípios da oncologia. In: MOHALLEM, Andréa Gomes da Costa; RODRIGUES, Andrea Bezerra. **Enfermagem oncológica**. Barueri: Editora Manole Ltda, 2007. Cap. 1, p. 3-20.

SAWADA, Namie Okino et al. Avaliação da qualidade de vida de pacientes com câncer submetidos à quimioterapia. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 581-587, 2009.

SIQUEIRA, Karina Machado et al. Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. **Revista Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n.1, p. 68-73, 2006.

SMELTZER, Suzanne C. et al. **Brunner & Suddarth**: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 2008. 1079 p. 1 v.